

social, vários exemplos discursivos da negação da existência de racismo, xenofobia e conflitos em relação à presença boliviana na cidade de São Paulo. O estudo indica o proeminente papel que a negação desempenha no discurso contemporâneo e, conseqüentemente, seus reflexos nas relações raciais e étnicas entre os imigrantes bolivianos e os brasileiros na cidade de São Paulo.

Ano/Edição Ano XXIV, nº 68, jan-jun/2011. São Paulo

**Título** **A Itália e o racismo disfarçado**

**Autor/es** **Dario Spagnuolo**

**Resumo** A acolhida e a hospitalidade são consideradas uma das características próprias da identidade italiana. Nos últimos anos, contudo, gravíssimos episódios de racismo demonstraram que em relação aos imigrantes existe um clima de ameaça que pareceria ter sido agravado pela crise econômica. Não obstante isto, o problema do racismo foi redimensionado pelos policy maker e pela mídia, que são exatamente aqueles que mais se lançam contra os imigrantes, acusados de ameaçar o bem-estar e a segurança. Junto ao multiplicar-se das agressões contra os mesmos, numerosas leis criminalizaram a pobreza e empurraram a população estrangeira à margem da legalidade. Este artigo tem por objetivo explicar as razões da falha da Itália em reconhecer o problema do racismo, bem como sua falta de habilidade e falta de vontade de lidar com ele. Por quanto tempo poderá continuar esta situação antes de desembocar num aberto conflito social?

Ano/Edição Ano XXVI, nº 72, jan-jun/2013. São Paulo

**Título** **O medo ao pequeno número: ensaio sobre a geografia da raiva. Arjun Appadurai. São Paulo: Iminuras/Itaú Cultural, 2009 (Resenha)**

**Autor/es** **Por Diane Portuguezis**

**Resumo** Resenha

**Ano/Edição** Ano XXVI, nº 73, jul-dez/2013. São Paulo

## QUESTÃO AGRÁRIA

**Título** **Uma travessia de conflitos e vitórias**

**Autor/es** **Editorialistas de Travessia**

**Resumo** Editorial

**Ano/Edição** Ano I, nº 3, jan-abril/1989. São Paulo

|               |   |
|---------------|---|
| <b>Título</b> | <b>Novos rumos da migração para a Amazônia</b>  |
| Autor/es      | <b>Donald Sawyer</b>  |
| Resumo        | Neste trabalho procuramos identificar as tendências passadas e novas de migração para a Amazônia, apontar as principais causas das mudanças ocorridas e refletir sobre as implicações políticas. Baseamos a análise em dados censitários, em outros dados quantitativos e na literatura disponível. Pesquisas de campo realizadas pelo CEDEPLAR em diversas partes da Amazônia permitiram incorporar uma dimensão mais qualitativa.   |
| Ano/Edição    | Ano I, nº 3, jan-abril/1989. São Paulo-SP   |
| <b>Título</b> | <b>O campesinato e a ocupação da terra no Brasil</b>  |
| Autor/es      | <b>Edgard Malagodi</b>  |
| Resumo        | O Brasil tem sido tradicionalmente ocupado mediante o trabalho de desbravamento realizado pelo braço camponês livre. No período colonial e do Império, o escravo era utilizado somente após a implantação do engenho de cana ou da fazenda de café, na produção corrente: antes, porém da instalação das fazendas, na derrubada das matas, na colocação das primeiras culturas e na implantação de uma benfeitoria mínima, o trabalhador livre com sua família foi a força de trabalho insubstituível. O artigo procura refletir sobre a relação de trabalho comum em várias regiões brasileiras a saber, a relação entre o camponês, no papel de posseiro desbravando terras, e o fazendeiro que oferece terras ainda não desbravadas para serem cultivadas durante algum tempo em benefício do próprio camponês que, posteriormente retoma a terra já em condições de desenvolver a terra com a cultura por ele desejada. |
| Ano/Edição    | Ano I, nº 3, jan-abril/1989. São Paulo-SP   |
| <b>Título</b> | <b>Resistência dos posseiros</b>  |
| Autor/es      | <b>Jean Hebette</b>   |
| Resumo        | O texto aborda sobre a migração rural em direção ao campo paraense que mudou profundamente a fisionomia do sudeste do estado do Pará a partir dos anos 1960.  |
| Ano/Edição    | Ano I, nº 3, jan-abril/1989. São Paulo-SP   |
| <b>Título</b> | <b>Paraíso e inferno na Amazônia Legal</b>  |
| Autor/es      | <b>Ariovaldo Umbelino de Oliveira</b>   |
| Resumo        | Este artigo pretende abordar sobre a colonização que, historicamente, no Brasil tem se constituído na   |

|               |  |
|---------------|--|
| Ano/Edição    | <p>alternativa escolhida pelas classes dominantes para evitar, simultaneamente, a necessária reforma estrutural do campo e, ao mesmo tempo, suprir-se de força de trabalho para seus projetos na fronteira. Dessa forma, a abertura das novas frentes de ocupação na amazônia sempre trouxe consigo este caráter contraditório da formação da estrutura fundiária brasileira no seio da lógica do desenvolvimento capitalista. Assim, o processo que leva os grandes capitalistas a investirem na fronteira contém o seu contrário, a necessária abertura dessa fronteira aos camponeses e demais trabalhadores do campo.</p> <p>Ano 1, nº 3, jan-abril/1989. São Paulo-SP</p> |
| <b>Título</b> | <b>A fronteira como lugar de utopia</b>  |
| Autor/es      | <b>Maria Antonieta da C. Vieira</b>  |
| Resumo        | Aborda-se como os lavradores se dirigem à fronteira agrícola à procura de melhores condições de vida. Junto com eles, também vão os romeiros. Mas neste caso, amparados por suas crenças, eles procuram juntos realizar a construção de um outro mundo. Para além da fronteira vão cumprir as ordens de uma Missão, buscando realizar seu sonho de liberdade na articulação entre trabalho, migração, utopia, festas e devoções.   |
| Ano/Edição    | Ano I, nº 3, jan-abril/1989. São Paulo-SP  |
| <b>Título</b> | <b>Conflitos agrários no Paraná moderno</b>  |
| Autor/es      | <b>Cecília M. Westphalen; Altiva P. Balhana</b>  |
| Resumo        | O artigo debate sobre o processo de revelação das terras roxas do Paraná. Os anos de revelação dessas terras caracterizam-se, na história regional, como tempo de negócios de terras. Negócios que, pela movimentação fundiária, favoreciam a ascensão do Paraná moderno, mas que também convulsionaram a comunidade paranaense. Seria este operário mais agitado da história da ocupação da terra pelos proprietários privados.   |
| Ano/Edição    | Ano I, nº 3, jan-abril/1989. São Paulo-SP  |
| <b>Título</b> | <b>Rondônia: uma alternativa para os migrantes? (Relato)</b>   |
| Autor/es      | <b>Luiz Bassegio</b>   |
| Resumo        | Relato   |
| Ano/Edição    | Ano I, nº 3, jan-abril/1989. São Paulo-SP  |

|               |  |
|---------------|--|
| <b>Título</b> | <b>A razão da nossa luta (Relato de experiência)</b>   |
| Autor/es      | <b>D. Antônio Possamai</b>   |
| Resumo        | (Relato de experiência)  |
| Ano/Edição    | Ano 1, nº 3, jan-abril/1989. São Paulo-SP  |
| <b>Título</b> | <b>As invenções de migrantes</b>   |
| Autor/es      | <b>Eduardo Magalhães Ribeiro</b>   |
| Resumo        | Nos últimos anos, cresceu a quantidade de pesquisas sobre os lavradores do Jequitinhonha que viajam para trabalhar algum tempo em outras regiões. O assunto recebe um tratamento muito parecido em quase todos os trabalhos, independente do pesquisador. de acordo com a maioria dos autores, as viagens anuais de lavradores começaram a partir da década de 70 com a implantação dos reflorestamentos nas áreas e planas das chapadas. Dizem eles que estas terras eram de uso livre para os lavradores que moram nas grotas (as terras perto dos rios, mais férteis). Com a grilagem feita pelas reflorestadoras, acabou a possibilidade dos camponeses continuarem retirando da chapada os frutos, a madeira e a lenha – que complementavam de forma importante a sua economia – e criou o mercado de terras na região. Pressionados pela escassez de terras, de recursos naturais, queda da produção e da renda, só restou aos lavradores das grolas a ida para São Paulo con10 alternativa de sobrevivência. O terreno da família, de acordo com a maioria dos autores, vira um pouso onde o lavrador fica a parte do ano que não está em São Paulo. Diversos autores comparam estes lavradores a andorinhas, que passam verão e inverno em lugares diferentes. O resultado destas mudanças tão constantes tem sido dissolver ou enfraquecer os laços da cultura, da lavoura, da família, da religião. A pobreza dos lavradores fica cada vez mais acentuada: viajando, descuidam do sítio, e são novamente forçados a viajar, A migração, como resposta às dificuldades, torna-se um destino. Os autores tratam assim deste tema com muito pouca variação. O objetivo deste texto é discutir esse destino tão fatal. Parte de uma área bem delimitada e analisa a terra e a produção. Deixando de tratar os camponeses por aquilo que eles são em alguns momentos - trabalhadores em São Paulo, como em outros momentos são garimpeiros, diaristas, grevistas, filhos, pais, avôs - procura entender o significado e a circunstância da viagem para São Paulo na sua vida. |
| Ano/Edição    | Ano VI, nº 17, set-dez/1993. São Paulo   |

|               |  |
|---------------|--|
| <b>Título</b> | <b>Migração, controle político e luta pela terra em Mato Grosso no início do Século</b>  |
| Autor/es      | <b>Isabel Cristina Martins Guillen</b>   |
| Resumo        | Extensos campos de soja dominam a atual paisagem sul-matogrossense. Cada palmo de terra tem dono, aliás, as terras mais caras do país. No entanto, Mato Grosso já figurou no imaginário social como um lugar de amplos espaços vazios, desocupado em grande parte até a década de quarenta. Sobre tudo a partir da década de cinquenta a especulação desenfreada com as terras tomou as manchetes dos jornais, e praticamente desapareceram as terras devolutas. Estas imagens nos fazem pensar que no início do século realmente era uma região desocupada. Contudo, suas terras eram já palco de lutas acirradas envolvendo diretamente a política partidária estadual quanto à melhor forma de para lá levar o progresso e a civilização que o Estado carecia, ou seja, como se abrir o sertão à expansão capitalista. É nesta história que estamos interessados. |
| Ano/Edição    | Ano IX, nº25, maio-ago/1996. São Paulo   |
| <b>Título</b> | <b>Assente-se, a casa é sua</b>  |
| Autor/es      | <b>Dirceu Cutti</b>  |
| Resumo        | Editorial  |
| Ano/Edição    | Ano XIV, nº39, jan-abril/2001. São Paulo   |
| <b>Título</b> | <b>A reforma agrária e o novo contexto institucional de políticas de combate à pobreza rural</b>   |
| Autor/es      | <b>Hildo Meirelles de Souza Filho; Antônio Márcio Buainain; Rinaldo Barcia Fonseca</b>   |
| Resumo        | O objetivo deste artigo é apresentar uma reflexão sobre o papel da reforma agrária e dos instrumentos de política fundiária no novo contexto de políticas de combate à pobreza rural que se iniciou nos anos 90. Trata-se de compreender a transição de um ambiente caracterizado pelo centralismo das políticas públicas para um ambiente pautado pela descentralização das funções do Estado, Dentro desse novo ambiente não se pode mais esperar que as políticas tradicionais de reforma agrária tenham o mesmo sentido e resultados que tiveram no passado, sugerindo a necessidade de alterar a política fundiária. O artigo está dividido em cinco seções, nas quais procura-se resgatar a nova orientação da intervenção do Estado em termos de políticas voltadas para o meio rural. especialmente  |

|               |   |
|---------------|---|
| Ano/Edição    | no combate à pobreza, e algumas propostas alternativas de política fundiária que têm surgido no novo contexto liberal, Encerramos com urna reflexão sobre a necessidade de se adotar políticas abertas. que sejam capazes de contemplar um leque diversificado de instrumentos de intervenção, visando combater a pobreza rural em uma estrutura socioeconômica extremamente heterogênea.<br>Ano XIV, nº39, jan-abril/2001. São Paulo   |
| <b>Título</b> | <b>Novas migrações e assentamentos no extremo Sul do Brasil</b>   |
| Autor/es      | <b>Tanya M. de Barcellos</b>  |
| Resumo        | Este artigo discute questões relacionadas à problemática migratória do Rio Grande do Sul'. Seleccionamos o município de Bagé, enquanto campo exploratório para abordar novas configurações do fenômeno migratório no Estado. Isto porque esse município foi afetado pela presença de um número expressivo de assentamentos de agricultores sem terra, que lá se implantaram a partir dos anos de 1988 e 1989, trazendo para a reflexão uma realidade que inverte a tendência "tradicional" de migração com sentido rural—urbano. destacando fluxos migratórios orientados para o campo e impulsionados por movimentos sociais. Queremos chamar atenção para o fato de que importantes segmentos da população vêm expressando uma forte negação da migração em direção às cidades como solução para a carência de terra e de trabalho agrícola. Ferrante (1995), em suas considerações sobre assentamentos rurais no Brasil, acentua o caráter inovador desse fenômeno. enquanto recriação da opção pelo rural. que deriva de uma proposta de resistência, e que é conquistada a partir de uma luta social. Por outro lado, os movimentos sociais do campo, enquanto estratégias de residência desenvolvidas pelos pequenos produtores face à desarticulação imposta pelo capital às suas condições de reprodução, poderiam se constituir em fatores relevantes na composição da dinâmica demográfica atual, em função da alteração que provocam em áreas rurais muitas vezes escassamente povoadas. |
| Ano/Edição    | Ano XIV, nº39, jan-abril/2001   |
| <b>Título</b> | <b>Uma etapa pretérita: a passagem pelos acampamentos</b>   |
| Autor/es      | <b>Maria Cecília Manzonli Turatti</b>   |
| Resumo        | O presente artigo busca demonstrar, a partir de considerações de ordem antropológica, a peculiaridade de inscrição dos sujeitos acampados na ordem social, de fato: Luiza A. Nasser   |

|   |   |
|---|---|
| Ano/Edição  | <p>mostrando a situação de passagem a que estão submetidos, imersos num processo histórico de luta cujo objetivo final é ascender a uma condição identitária positiva, ou seja. abandonar a identificação que se concebe pela ausência - o acampamento sem-terra - em prol de um novo estatuto — o assentado com terra. O acampamento, portanto, situa-se no campo do vir-a-ser, como uma promessa futura de condições dignas de vida. Os acampados. por sua vez, oriundos das camadas subalternas expropriadas da terra com ferocidade - principalmente a partir da década de 5() do século XX entram em choque com os novos valores advogados pelos movimentos sociais, aprofundando sua já confusa identificação entre o mundo rural e o urbano.</p> <p>Ano XIV, nº39, jan-abril/2001</p>  |
| <b>Título</b><br><br>Autor/es<br>Resumo<br><br>Ano/Edição | <p><b>As práticas de ocupação de terras em Teresina – a inserção entre a ilegalidade e a legitimidade</b></p> <hr/> <p><b>Antônia Jesuíta de Lima</b></p> <p>Pretendo, neste texto, expressar uma breve análise acerca da dinâmica que envolve as práticas sociais urdidas nas lutas de ocupação de terras por famílias pobres em Teresina, como se operam mediações e clivagens que se inclinam para “novas legalidades”, assentadas no reconhecimento, conquistado, do direito de acesso à terra, não pelos modos conferidos no direito formal, mas adquiridos no espaço público.</p> <p>Ano XIV, nº39, jan-abril/2001</p>  |
| <b>Título</b><br><br>Autor/es<br>Resumo                   | <p><b>Migrações em áreas de agronegócio</b></p> <hr/> <p><b>Moacir Palmeira; Beatriz Maria A. de Heredia</b></p> <p>No Brasil, as áreas de expansão do chamado agronegócio são áreas de forte expansão demográfica. Como mostram as estatísticas, há na base desse processo fluxos migratórios de outras regiões do país. A pertinência dessas informações estatísticas pode ser constatada num contato mesmo que superficial com essas áreas, quando observamos que o “mapa” de posições sociais elaborado pelos que aí vivem remente ao local de nascimento efetivo ou suposto das pessoas ou grupos a questão se referindo”: “gaúchos” e “maranhenses”, na área de soja, em Mato Grosso; “paulistas”, “paranaenses” e “baianos”, na área de expansão do café, no Triângulo Mineiro. Tal constatação tem levado os estudiosos a estabelecer conexões causais lineares: abrindo perspectivas de lucro ou de emprego, o agronegócio estaria atraindo excedentes</p> |

|               |   |
|---------------|---|
| Ano/Edição    | <p>populacionais de outras regiões, repetindo o que já se passara, em outros momentos históricos, noutras partes do país. Pesquisas de campo, integradas em um projeto comparativo que vimos realizando naqueles dois estados, apontam para uma realidade mais complexa. Os fluxos migratórios não são necessariamente complementares. Entender esse movimento são constante e esse cruzamento de fluxos passa, a nosso ver, por entender as estratégias de reprodução social operadas pelas famílias envolvidas nesses diferentes movimentos, evitando as classificações convencionais que separam migrações sazonais e migrações definitivas; migrações de curta distância e migrações de longa distância; etc., bem como as interpretações que, procurando estabelecer grandes elos explicativos, acabam simplesmente repetindo e consagrando, através da ideologia do “pioneirismo” ou similares, as formulações dos que controlam o chamado agronegócio.</p> <p>Ano XXII, nº 65, set-dez/2009. São Paulo</p> |
| <b>Título</b> | <b>Por um pedaço de chão: a diáspora gaúcha e catarinense para o Paraná e a construção do território-rede</b>   |
| Autor/es      | <b>Marcos Leandro Mondardo</b>  |
| Resumo        | Investigamos aqui a diáspora gaúcha e catarinense para o Paraná das décadas de 1940 a 1970, especialmente, resgatando trajetórias socioespaciais pela memória daqueles/as que migraram em busca de terra. Foi no contexto da política da “Marcha para Oeste” de Getúlio Vargas, com a criação em 1943 da Colônia Agrícola General Osório (CANGO), e no interior de um tecer ininterrupto de redes sociais entre migrantes, amigos e familiares que essa migração se configurou no processo de des-re-territorialização.   |
| Ano/Edição    | Ano XXIII, nº 66, jan-jun/2010. São Paulo   |
| <b>Título</b> | <b>O cativo da terra. [Nova edição revista e ampliada] (Resenha). José de Souza Martins. São Paulo: Contexto, 2010.</b>   |
| Autor/es      | <b>Por Sidnei Marco Dornelas</b>  |
| Resumo        | Resenha   |
| Ano/Edição    | Ano XXIII, nº 67, jul-dez/2010. São Paulo   |
| <b>Título</b> | <b>O que se passa em Caaguazú?</b>  |
| Autor/es      | <b>Carlos Freire da Silva; Tiago Rangel Côrtes</b>  |
| Resumo        | Este artigo parte da constatação de que muitos dos migrantes paraguaios que se inseriram em São Paulo a partir da década  |

|   |  |
|---|--|
| Ano/Edição  | <p>de 2000 são de Caaguazú, uma região em que a economia é predominantemente rural. Desse modo, busca-se, a partir da trajetória de um jovem migrante, compreender as razões que têm levado muitas pessoas desta região a migrarem para São Paulo em busca de novas oportunidades. Serão abordadas questões relativas ao monocultivo da soja, à concentração de terras e ao êxodo rural. Além disso, trataremos dos impactos da migração na economia local de Caaguazú. O trabalho de campo foi realizado em São Paulo, onde se deu o primeiro contato com o migrante em uma oficina de costura, e em Repatriación, sua cidade natal, para a qual ele retornou para lavrar a terra após o trabalho com a costura.</p> <p>Ano XXVII, nº 74, jan-jun/2014. São Paulo</p> |
| <b>Título</b><br><br>Autor/es<br>Resumo<br>Ano/Edição | <p><b>Imigração e colonização: conflitos pela terra no Paraná e São Paulo entre os séculos XIX e XX. Ângelo Priori e João Bertonha (Orgs.). Guarapuava (PR), Ed. UNICENTRO, 2015. (Resenha)</b></p> <hr/> <p><b>Por Sidnei Marco Dornelas</b><br/>         Resenha<br/>         Ano XXIX, nº 78, jan-jun/2016. São Paulo</p>   |
| <h2>REDES</h2>  |  |
| <b>Título</b><br>Autor/es<br>Resumo<br>Ano/Edição     | <p><b>Redes de solidariedade no aranhol do mercado</b></p> <hr/> <p><b>Heinz Dieter Heidemann</b><br/>         Editorial<br/>         Ano XIV, nº 40, maio-ago/2001. São Paulo-SP</p>  |
| <b>Título</b><br><br>Autor/es<br>Resumo               | <p><b>Redes sociais na migração: questionamentos a partir da pastoral</b></p> <hr/> <p><b>Sidnei Marco Dornelas</b><br/>         Gostaríamos de iniciar por este ponto: tentar esclarecer o que seria uma “rede social” e em que sentido poderíamos falar propriamente de uma rede de migrantes. Tendo presente de maneira mais clara a realidade das redes dos migrantes, poderíamos levantar de maneira geral quais seriam as suas formas de inserção na sociedade complexa, com suas</p>  |